



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E  
INTERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**RAFAELA BACELAR SANTOS**

**CAMINHANDO NAS RIQUEZAS IDENTITÁRIAS DA COMUNIDADE DE  
SÃO BENTO DAS LAJES-BA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO  
ENTRE HISTÓRIA, PORTUGUÊS E ARTES COM ALUNOS DOS  
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**RAFAELA BACELAR SANTOS**

**CAMINHANDO NAS RIQUEZAS IDENTITÁRIAS DA COMUNIDADE DE  
SÃO BENTO DAS LAJES-BA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO  
ENTRE HISTÓRIA, PORTUGUÊS E ARTES COM ALUNOS DOS  
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), para a obtenção da certificação de Especialista em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**RAFAELA BACELAR SANTOS**

**CAMINHANDO NAS RIQUEZAS IDENTITÁRIAS DA COMUNIDADE DE  
SÃO BENTO DAS LAJES-BA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO  
ENTRE HISTÓRIA, PORTUGUÊS E ARTES COM ALUNOS DOS  
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), para a obtenção da certificação de Especialista em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

Aprovado em: 25/02/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya (Examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira (Examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>CONHECENDO A COMUNIDADE DE SÃO BENTO DAS LAJES</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>8</b>
3.1	GERAL	8
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>8</b>
4.1	IDENTIDADE	8
4.2	IDENTIDADE COLETIVA OU CULTURAL	11
4.3	POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E INTERDISCIPLINAR	13
4.4	A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS COMO INSTRUMENTO AUXILIADOR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	15
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>RESULTADOS ESPERADOS</b>	<b>20</b>
	<b>Referências</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho a ser descrito, tem como finalidade ser uma proposta de intervenção. Esta será desenvolvida com crianças do terceiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental pertencente à escola popularmente conhecida como “Três Marias” localizada no bairro de São Bento das Lajes, na cidade de São Francisco do Conde, Bahia.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2018, São Francisco do Conde possuía uma população estimada de 39.338, sendo que 90% da população, se autodeclara negra. Atualmente, a Comunidade de São Bento possui uma população de 3.776 habitantes.

A escola ao qual será desenvolvida a intervenção acolhe alunos e alunas que estão entre o segundo ao quinto ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. É um espaço de Educação de referência na comunidade, à estrutura da escola se destaca comparada às outras instituições presentes na cidade, a começar pela área verde, apesar de não ser muito utilizada com e pelas crianças, por não ter intervalo entre as aulas. Os alunos e alunas que frequentam o ambiente escolar, em sua maioria, são moradores da comunidade, mas, a instituição acolhe estudantes de outros bairros que, para chegarem até a escola, utilizam o transporte escolar ou caminham.

A estrutura da instituição é composta por três blocos, ou seja, no mesmo espaço existem três escolas com nomenclaturas diferentes, mas que são coordenadas por uma única gestão. Cada bloco contém seis salas de aula, seis banheiros adaptados para crianças, e dois banheiros de adultos. Nos locais em comum para os três blocos se encontra uma biblioteca, uma sala de vídeo, uma sala de informática, uma sala da gestão, uma sala de coordenação e professores (as), uma cozinha, uma sala de almoxarifado e uma área verde frequentada pelos alunos e alunas, algumas vezes durante a aula de educação física ou quando os/as docentes liberam um pouco antes do término da aula, devido à falta de intervalo, fora da sala.

No curso de Licenciatura em Pedagogia, tive um contato direto com o campo da Educação. Nele, tive a oportunidade durante o estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental em conhecer a escola Três Marias. Estar naquele espaço, rodeado de histórias e saberes me fez compreender como uma profissional da educação a importância de trabalhar com a cultura local, pois para além de contribuir na reafirmação das identidades das crianças por meio da valorização, quando efetivada se tornam práticas pedagógicas que priorizam alunos e alunas como eixos centrais dos seus planejamentos.

Este primeiro contato, possibilitou observar que entre os poucos livros didáticos

disponíveis entre eles e elas não se preocupavam em ter como base a comunidade, muitos dos exemplos existentes partiam de uma realidade de uma capital e se distanciava dos aspectos culturais da realidade dos educandos cabendo o docente buscar outros recursos para que estes se sentissem mais representados.

Está proposta visa à valorização dos aspectos culturais no contexto em que as crianças estão inseridas. Dessa maneira, serão desenvolvidas intervenções de forma interdisciplinar com as componentes: História, Português, e Artes. O ambiente escolar tem um grande peso no processo de aprendizado. Quando pensamos no componente de história por exemplo, acreditamos que não se aprende história só na escola, mas também através da cultura histórica presente nos contextos locais, discursos políticos, nos discursos religiosos, no cinema, na mídia, nos jornais, nos jogos eletrônicos, na literatura, entre outros (ARRAIS e OLIVEIRA, 2012). Alguns professores têm tido dificuldades em despertar em seus alunos o interesse pela disciplina. O resultado desta situação é o desinteresse total do educando, proporcionando aulas monótonas e pouco criativas.

Diante das ideias iniciais, a proposta terá como preocupação conscientizar e desenvolver atividades sobre a importância de práticas pedagógicas que envolvam os conteúdos diários das crianças em associação com sua identidade cultural local de forma interdisciplinar e criativa, tendo como um instrumento auxiliador as brincadeiras.

Conhecer, entender, respeitar e preservar as raízes e a origem de um povo, comunidade ou uma região é, sobretudo garantir a esse povo a condição de existir e proteger a sua identidade, valorizando e cultivando a sua história local, facilitando o entendimento e a inserção dos alunos no contexto histórico não só regional, mas também nacional. (LOPES, 2010, p.1)

Nesse sentido, acreditamos ser muito relevante o tema escolhido, uma vez que o entendimento e o conhecimento da história local quando aplicados de forma significativa na sala de aula tem o poder de proporcionar aos educandos (as) o reconhecimento enquanto agentes participativos e transformadores da sua história local e conseqüentemente gera a valorização e a quebra de estereótipos significativos na construção da sua identidade.

## **2 CONHECENDO A COMUNIDADE DE SÃO BENTO DAS LAJES**

A comunidade de São Bento das Lajes está situada em uma região afastada do centro da cidade. Segundo o livro intitulado “São Bento conversando com a sua história”

organizado por Pinto (2021), o bairro teve origem em 1655, quando os Monges Beneditinos tomaram posse da Fazenda das Lajes, doada por Catarina Álvares, filha de Caramuru, onde foi construída a capela, o engenho de São Bento das Lajes e o Convento de Nossa Senhora das Brotas.

Em 1859, foi inaugurada a Primeira Escola Agrícola da América Latina por D. Pedro II, com 365 janelas, uma para cada dia do ano. Convém salientar que alguns centros históricos, como a Escola Agrícola, ainda estão presentes na região, mesmo em estado de ruína. Atualmente, a Comunidade de São Bento possui 46 empresas, com uma população de 3.776 habitantes, 929 imóveis e 285 territórios.

Da Primeira Escola de Agronomia da América Latina, onde nela se formou Landulfo Alves cuja Refinaria da cidade recebe o seu nome. Onde esse patrimônio foi cenário de um filme cangaceiro italiano, na década de 70. Também em 2021, o bairro teve a honra de receber o autor de *O Auto da Compadecida* e *A pedra do Reino*, Ariano Suassuna. Sem esquecer do poeta Artur de Sales que trabalhou como bibliotecário neste Instituto Imperial, escritor de *O Cavaleiro das Horas Mortas* e autor do hino do Senhor Bom Fim.

São Bento é uma comunidade recheada de memórias e histórias até os dias de hoje. Assim como mencionado por Pinto (2021) “todo projeto de cunho cultural e social dentro de São Bento como o livro *Trilhando na Cultura*, conseqüentemente terá um aspecto político de autoestima”, isto é, de reconhecimento da história do bairro. Uma vez que, por muitos anos uma grande parte dos moradores foram marcados por estereótipos negativos, o bairro foi tachado como um lugar apenas de violência, tachado como o lugar de caranguejeiros pelo fato de parte dos moradores tirarem seus sustentos da maré e do manguezal, ou seja, um ato cruel ao transformar uma ação de resistência em algo negativo e vergonhoso e usá-lo de forma discriminatória o que conseqüentemente gerar complexo de inferioridade e violência, sendo está, segundo Pinto (2021) uma das formas de reação por parte da juventude local, principalmente quando se deslocavam para as festas no centro da cidade, e por onde passavam eram tachados como “Só podia ser de São Bento”.

Nessa perspectiva, a proposta valoriza os aspectos culturais no contexto em que as crianças estão inseridas. Dessa forma, serão desenvolvidas atividades interdisciplinares e interculturais que girem em torno do respeito e do reconhecimento do eu e do outro, da cultura local, da história de personalidades do município, os aspectos culturais e físicos da comunidade que são de grande importância na construção da identidade das crianças envolvidas.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 GERAL**

Desenvolver com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental atividades pedagógicas que reportem aos aspectos culturais presentes na comunidade de São Bento das lajes-Ba numa abordagem interdisciplinar entre história, português e artes.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Despertar os interesses dos alunos (as) sobre/pelos aspectos culturais e físicos presentes na comunidade de São Bento das lajes.
- Planejar atividades que relacione características da comunidade (as crenças religiosas, os valores, os centros históricos, as tradições, e a culinária) com os conteúdos de história, português e artes.
- Propor aos alunos vivências diversificadas, para que possam explorar fazer tentativas, argumentar e despertar sentimento de valorização e identificação cultural com sua comunidade.
- Elaborar atividades dinâmicas de forma interdisciplinar por meio das brincadeiras.

### **4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **4.1 IDENTIDADE**

Segundo Santos (2020) quando somos crianças, é muito comum que nos peçam para desenhar a nossa imagem em um papel, para escrever o nosso nome ou até fazer a chamada "árvore da genealógica". Essas atividades, muitas vezes, são desenvolvidas com o propósito de trabalhar a construção da identidade de cada criança. No entanto, o conceito de Identidade é complexo, não é fixo e é mutável, podendo sofrer múltiplas interferências. Neste tópico, tal conceito considerara a perspectiva cultural e social, para isso, convém salientar este conceito não está livre de diferentes pontos de vista e, de definição. Para Stuart Hall (2006), o próprio conceito com o qual estamos lidando, "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea. O autor

parte do propósito de que as identidades, neste caso; na pós-modernidade, estão sendo “descentradas”, ou seja, fragmentadas ou deslocadas. Segundo ele:

[...] um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Dessa maneira, esse acontecimento está rompendo as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p.9).

Ou seja, pode-se entender que a perda do “sentido de si”, anteriormente estável, causa o que o autor nomeia de “duplo deslocamento”, isto é, a descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, constituindo, assim, uma “crise de identidade”. Para explicar, o autor define três concepções distintas de identidade cultural do sujeito, são elas: o primeiro é nomeado de “sujeito do Iluminismo” que é centrado em si (e na figura do “homem”), baseado na ideia de essência. Esse sujeito nasce e desenvolve a mesma identidade, de forma contínua e imutável ao longo da vida. O segundo seria o “sujeito sociológico”, que é desenvolvido numa concepção sociológica clássica, e o sujeito é formado por meio da interação entre o “eu” e o “outro”, “interior” e “exterior”, mas, ainda, essencialista ao pensar este “eu real”, que é modificado em sociedade. Já, a figura do “sujeito pós-moderno” modifica o cenário da identidade, por se apresentar de forma fluída e desessencializada. Nessa, o sujeito é construído historicamente em um contexto social e não biologizado, os sujeitos possuem diferentes identidades e, por vezes, contraditórias e passíveis de releituras, a depender do contexto e da enunciação cultural e social: “O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em um “eu” coerente” (Hall, 2015, p.11-12).

“A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. (HALL, 1987 Apud HALL, 2006, p.13).

Nesse sentido, a identidade é definida historicamente, e não biologicamente. Segundo o autor, os seres humanos são constituídos internamente por identidades contraditórias, que podem atuar em diferentes direções.

Já, para Tomaz Tadeu da Silva (2000, apud SANTOS, 2020, p.14), em uma primeira aproximação, ele argumenta que identidade pode ser conceituada como aquilo “que se é”, ou seja, “sou brasileira”, “sou negra”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou mulher”. Dessa maneira, a identidade assim idealizada parece ser uma característica independente, algo positivo,

pois reflete “aquilo que sou”, e até mesmo um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, segundo ele (p.1) “a identidade só terá como referência a si própria.”, ou seja, ela é autossuficiente e autocontida.

Ainda, seguindo a sua linha de argumentação, a diferença é também concebida como uma entidade independente. Com exceção de que apenas nesse momento, em oposição à identidade, a diferença é aquilo “que o outro é” ou seja, “ela é alemã”, “ela é velha”, “ela é branca”, “ela é homossexual” “ela é mulher”. Nesse sentido, a diferença também é concebida como auto-referenciada, como algo ou alguma coisa que remete a si próprio. Sendo assim, ambas carregam em comum o fato de simplesmente existirem. A identidade e a diferença, estão em uma relação de estreita dependência.

A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo "sou brasileiro" parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. "Sou brasileiro"- ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que *não* são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. (SILVA, 2000, p.1 apud SANTOS, 2020, p.15).

Assim, a afirmação "sou brasileiro", na verdade, é parte de uma extensa cadeia de "negações", de expressões negativas de identidades, de diferenças. A menção sou brasileiro, seria uma afirmação de que não sou alemã, não sou japonês, não sou guineense e, assim por diante. As afirmações sobre as diferenças só tomam um sentido se compreendidas em relação às afirmações sobre a identidade. Dizer que ele é “italiano” significa dizer que ele não é “chinês”, que ele não é “brasileiro”, ou seja, que ele não é quem eu sou. Nessa perspectiva, é possível compreender que a identidade depende da diferença, e a diferença, depende da identidade, ambas são “inseparáveis”.

A identidade e a diferença, além de serem interdependentes, compartilham outro importante aspecto, ambas são resultados de atos de criação linguísticas. Ou seja,

Dizer que é o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são "elementos" da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença, são criações sociais e culturais.” (SILVA, 2000, p.2 apud SANTOS, 2020, p.15).

Compreender que identidade e diferença são resultados de atos de criações *linguísticas*,

significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem e, por isso, tem a necessidade de serem nomeadas, pois, só se tornam válidas, quando carregadas por um sentido. A identidade, assim como a diferença, é uma relação social. Segundo o autor, isso significa dizer que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, de relações de poder, ou seja, não são apenas definidas, elas são impostas e têm um propósito. Consequentemente, não convivem em harmonia, lado a lado, em um campo sem hierarquias, mas, são disputadas. Silva explica que:

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. (SILVA, 2000, p.2 apud SANTOS, 2020, p.15).

Para ele, a “diferenciação”, isso é, a existência da identidade e da diferença, é baseada em relações de poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença, são produzidas, por meio, entre outros aspectos, da inclusão/exclusão: aqueles que pertencem, e os que não. Outra maneira de compreendê-la, é via a demarcação de fronteiras: como ao indicar quem somos “nós” e quem são “eles”; ainda, por meio da classificação entre “bons” e “maus”, “puros” e “impuros”, “desenvolvidos” e “primitivos” e, via normalização, determinando quem são os “normais” e os outros, “anormais”.

#### 4.2 IDENTIDADE COLETIVA OU CULTURAL

De acordo com Munanga (2012, apud SANTOS, 2020, p.16) a identidade individual faz parte do processo de construção do ser, significando sua existência. Quando a criança nasce, por exemplo, um nome próprio lhe é atribuído por seus responsáveis e, é esse nome, será a sua marca de diferença em relação aos seus irmãos e aos próprios pais. A este nome, além de se acrescentarem sobrenomes de famílias do pai e da mãe, indicam, em um primeiro momento, se somos homens ou mulheres, meninos ou meninas. Este processo pode ser considerado como sendo a identidade individual, formada em composição à identidade pessoal, pelo nome, e da identidade familiar, pela adição dos sobrenomes das duas famílias, do pai e da mãe.

Já a identidade coletiva é uma definição de um grupo e pode ser realizada através da

seleção de alguns atributos contidos no complexo cultural, como, por exemplo, a língua, a religião, o sistema político, a economia, a visão de mundo. Enquanto a identidade cultural é a identificação essencial da cultura de um povo. Isto é, assim como a coletiva o que um povo produz linguística, religiosa, artística, científica e moralmente compõe o seu conjunto de produção cultural. Esse conjunto tende a seguir certos padrões dentro de sociedades, o que cria um aspecto identitário para as culturas de determinadas sociedades. Nesse sentido, ambos os conceitos se complementam.

Quando realizada pelo próprio indivíduo, é caracterizada como uma autoidentificação ou autoatribuição. Quando realizada por membros de outros grupos, ao selecionar atributos como a histórica e traços psicológicos entendidos como mais significativos, denomina-se de heteroclassificação ou heteroatribuição. Ele, o autor, explica que, por exemplo, quando os europeus entraram em contato pela primeira vez com povos diferentes deles: ameríndios, africanos, asiáticos, etc., atribuíram a esses povos identidades coletivas, a partir de critérios definidos a partir de uma visão cultural. Sendo assim, foram impostas identidades que não tinham aproximação àquelas que aqueles povos se autoatribuíam.

É justamente o estabelecimento da relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores. Carl Von Linné, o Lineu, o mesmo naturalista sueco que fez a primeira classificação racial das plantas, oferece também no século XVIII, o melhor exemplo da classificação racial humana acompanhada de uma escala de valores que sugere a hierarquização. Com efeito, na sua classificação da diversidade humana, Lineu divide o Homo Sapiens em quatro raças:

· **Americano**, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado. **Asiático**: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas. **Africano**: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados. **Europeu**: branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas. (MUNANGA, 2003, p.9 apud SANTOS, 2020, p.17).

Segundo Mendonça (2007), Jacques d'Adesky explica que a passagem da identidade individual para a identidade coletiva, é feita pela noção de *pertencimento* e pelo processo de *identificação*. Para ele, a identificação está ligada ao sentimento de pertencimento que, por sua vez, é um fator da identidade coletiva. A identidade coletiva ou cultural é perceber o “mesmo”, nos “outros”. Nesse sentido, o grupo torna-se uma coletividade cuja estruturação e unificação, permitem um acesso a um nível mais seguro de existência.

Nesse sentido, a Identidade Cultural tem muito a ver com aquilo que as pessoas

observam do mundo e como se relacionam com ele, a partir das experiências vividas socialmente e daquilo que é herdado no ambiente em que o sujeito está inserido. Pensando na de São Bento das lajes os aspectos culturais como memórias, manifestações culturais, artísticas, as festas religiosas, centro históricos, culinária, forma de sobrevivência, são elementos que estão vivos e determinam a identidade cultural pessoas inseridas na comunidade.

#### 4.3 POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E INTERDISCIPLINAR

Historicamente, sabemos que a sociedade brasileira perpetua a manutenção da desigualdade social, da discriminação e do racismo por meio de instituições sociais – incluindo a escola – (re)produzindo a pobreza, a desigualdade, os estereótipos raciais e as discriminações de gênero. No artigo intitulado “Relações étnico-raciais, Educação e Descolonização dos Currículos” de Nilma Lino, a autora descreve sobre a necessidade da descolonização dos currículos destacando a importância da implementação da Lei nº 10.639/03 para uma sociedade cuja maioria da população é descendente de africanos escravizados que ao decorrer da pós-abolição não foi incluída no projeto de nação brasileira.

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciemos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos (GOMES, Nilma Lino, 2012, p. 102).

Uma alternativa pedagógica, conforme D'Ambrosio (1997), para romper com o ensino descontextualizado é promover propostas didáticas interdisciplinares e interculturais, nas quais o estudante possa investigar e compreender um problema presente na sociedade. Desse modo, o estudante torna-se protagonista no processo de aprendizagem e o professor promove a contextualização dos conteúdos escolares, superando a fragmentação, e melhorando a qualidade da educação.

A interculturalidade segundo o autor foi construída com o objetivo de inovar o campo epistemológico e ampliar os conhecimentos baseados na valorização da diversidade cultural existente no mundo contemporâneo. A colonização deixou como herança os modelos culturais ocidentais que estão presentes dentro do campo político, social, cultural e econômico.

A perspectiva intercultural da educação reconhece o caráter multidimensional e

complexo (MORIN, 1985, 1996; BATESON, 1986 apud FLEURI, 2002) da interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes e busca desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção da superação das estruturas sócio-culturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais.

Nesse sentido, no campo educacional a monocultura ocidental demonstrou ser seletiva e não foi o suficiente para abranger as múltiplas culturas inseridas dentro da sala de aula. O interculturalismo vem mostrando ser um campo revolucionário na medida em que as culturas não são vistas como únicas ou exclusivas, mas compostas por influências de outras. O interculturalismo traz a interação entre sujeitos de culturas diferentes sem que uma cultura sobressaia a outra, e que as diferenças não podem ser vistas como estranhas e estereotipadas, mas que o “novo” seja contemplado e visto como algo que pode agregar e acrescentar a sua cultura.

A interdisciplinaridade D’Ambrosio (1997) foi construída com objetivo de mostrar que o conhecimento é construído através das relações entre outros conhecimentos e não construído de forma exclusiva ou isolada, não é simplesmente anexar uma disciplina de história e português, mas compreender que um saber não está desassociado ao outro, mas que um foi construído pela interligação com o outro.

Gaudêncio Frigotto (2020) explica que o caráter interdisciplinar que é da realidade. Sendo assim, nós somos um ser humano interdisciplinar, somos cultura, natureza e todos os fenômenos da natureza, são fenômenos complexos. Então o autor afirma que grande desafio é buscar a interdisciplinaridade que está na própria realidade humana social, física, química, etc. O problema está que a depender das concepções que temos vamos ter entendimento diferentes. Sendo assim, para Frigotto a interdisciplinaridade entendida como apenas uma “junção de disciplina”, vem de uma concepção que conhecemos a realidade por soma, mas a realidade nenhuma não é concebida por soma, mas sim por relações, então é necessário compreender que qualquer parte está ligada a uma totalidade. Nesse sentido, ter uma interdisciplinaridade como uma totalidade é atitude necessária como parte interdisciplinar no chão da escola.

A interdisciplinaridade traz mais sentido ao ensino escolar na medida em que os conhecimentos que devem ser ensinados e aprendidos estão interligados entre eles, e não simplesmente fatos e acontecimentos aleatórios, isso demonstra que o processo que nós seres humano demoramos em chegar até aqui, foi fruto de contextos históricos em que sujeitos inseridos em seu tempo e espaço, desenvolveram técnicas de sobrevivência que permitiram a

nossa evolução, e que até os dias atuais essas transformações estão conectadas. Pensando na interdisciplinaridade para a descolonização dos currículos escolares, vemos o quanto ele é essencial.

Projetos pedagógicos que tem como foco a interdisciplinaridade e a interculturalidade são fundamentais para os processos educacionais na escola e para os alunos. Pensar na interdisciplinaridade e na interculturalidade, é romper com as estruturas coloniais que, a partir de uma prática pedagógica excludente, perpetua as desigualdades sociais e privilegia determinadas epistemologias, com intuito de manter as hegemonias da sociedade. A interdisciplinaridade traz mais sentido ao ensino escolar na medida em que os conhecimentos que devem ser ensinados e aprendidos estão interligados entre eles, e não simplesmente fatos e acontecimentos aleatórios, isso demonstra que o processo que nós seres humano demoramos para chegar até aqui, foi fruto de contextos históricos em que sujeitos inseridos em seu tempo e espaço, desenvolveram técnicas de sobrevivência que permitiram a nossa evolução, e que até os dias atuais essas transformações estão conectadas.

Pensando na interculturalidade para a descolonização dos currículos escolares, vemos o quanto ele é essencial. A interculturalidade rompe com a cultura hegemônica das escolas, onde a cultura valorizada nos currículos vem do ocidente e com inspirações em países da Europa, e determinando as outras culturas como o “outro”. Pensar na interculturalidade é valorizar os saberes tradicionais de grupos indígenas, de descendentes de africanos. além disso, é valorizar os aspectos culturais das vivências dos alunos, sem propagar a inferioridade, mas sim, prestigiando e valorizando os conhecimentos de todos inseridos na escola e outras culturas estabelecidas na sociedade.

#### 4.4 A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS COMO INSTRUMENTO AUXILIADOR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A proposta traz também uma preocupação buscando conscientizar sobre a importância de práticas pedagógicas que envolvam os conteúdos diários das crianças em associação com sua identidade cultural local por meio das brincadeiras.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (1998), o fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela estimule sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a

atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem, também, algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Tal ressalva se faz importante particularmente em função da Lei n. 11.274 de 06 de fevereiro de 2006, que determinou que a partir de 2010, crianças de seis anos de idade, em todas as redes educacionais do país, deveriam ser matriculadas no Ensino Fundamental. São muitas as discussões em torno dessa questão, sendo assim, quanto mais cuidadoso for o processo de transição entre a Educação Infantil, especificamente, a pré-escola e os primeiros anos do Ensino Fundamental, mais condições a criança terá para um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. Sobre o assunto, Campos (2009) argumenta que,

[...] muitas vezes o acolhimento dos egressos da Educação Infantil não leva em consideração essas experiências educativas anteriores. A escola de Ensino Fundamental não só costuma tratar todos os novos alunos da mesma forma – tenham eles ou não já sido alunos nos anos anteriores – como também parece que faz questão de reforçar as rupturas entre as duas etapas iniciais da educação básica: sinaliza-se claramente que acabou o direito à brincadeira, que a obrigação leva a melhor sobre a motivação, que a aprendizagem é imposta e não construída, que todos devem seguir no mesmo ritmo, independentemente de suas diferenças individuais, culturais ou de nível de conhecimento. (CAMPOS, 2009, p.12)

Nessa perspectiva, assim como pontuado pela autora, as estruturas do Ensino Fundamental não levam em consideração as brincadeiras como um direito e uma prioridade como supostamente têm ocorrido, até então, nos espaços da Educação Infantil. O Ensino Fundamental assumiu, segundo Amaral (2008, p. 49), “um trabalho escolar histórico e culturalmente designado como “sério”, pautado no entendimento de que para ser sério, para ter qualidade, é preciso ser sisudo.” Isso é, as crianças são direcionadas a aprender a ler e a escrever, e abandonar a brincadeira, a infância e a espontaneidade.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, faz referência aos estudos de Vigotski, ao afirmar que a interação social é

um processo que se dá a partir e por meio de indivíduos com modos histórica e culturalmente determinados de agir, pensar e sentir, sendo inviável dissociar as dimensões cognitivas e afetivas dessas interações e os planos psíquico e fisiológico do desenvolvimento decorrente. [...] a interação social torna-se o espaço de constituição e desenvolvimento da consciência do ser humano desde que nasce. (VYGOTSKY apud SOUZA; ORTEGA, 2016, p.3).

Com uma interpretação mais ampliada, Nascimento (2014), argumenta que para Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz e Arcebispo Sul Africano, “Ubuntu é a essência de ser

uma pessoa”, “significa que somos pessoas através de outras pessoas”, “que não podemos ser plenamente humanos sozinhos”, “que somos feitos para a interdependência”. Assim, de acordo com o autor, praticar Ubuntu “é estar aberto e disponível aos outros” e “ter consciência de que faz parte de algo maior e que é tão diminuída quanto seus semelhantes que são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos” (idem). A pessoa ou instituição que pratica Ubuntu reconhece que existe por que outras pessoas existem. Reconhece, portanto, que existem formas singulares de expressão de humanidade, e que as singularidades, como tais, têm igual valor.

Nesse sentido, a proposta de intervenção que proponho visa buscar contribuir para o desenvolvimento de metodologias que para além de valorizar a cultura local dos educandos, possam desconstruir o pensamento de que os livros didáticos são os únicos instrumentos que auxiliam nas aulas. Estes muitas vezes não retratam as diferenças sejam de forma cultural ou étnica dos alunos e alunas, e conseqüentemente gera uma perda de interesse de ocupar aquele espaço.

## **5 METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO**

A presente proposta terá uma abordagem qualitativa Segundo Silveira e Córdova (2009), uma pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

O trabalho a ser desenvolvido tem o intuito de ser uma oficina e se dividirá em quatro momentos: O primeiro será um estudo sobre os aspectos culturais na comunidade de São Bento das lajes e o planejamento de algumas atividades que poderão ser desenvolvidas em junção com alguns conteúdos presente nos componentes de história, português e Artes. O segundo momento, será um contato com a gestão, o qual será apresentado à proposta que pretende ser desenvolvida. O terceiro ocorrerá à observação, sendo esse o momento de conhecer o público com o qual iremos trabalhar. No quarto momento, ocorrerá o desenvolvimento das atividades, tendo em vista que cada encontro terá quatro horas de duração totalizando 16 horas de intervenção com as crianças. Nesse sentido as ações ocorrerão na seguinte sequência:

## **1º Encontro**

Tema: **“Trilhando na cultura de São Bento das Lajes”.**

Nesse dia, iniciará com uma introdução tendo com intuito explicar as crianças sobre o desenvolvimento de toda a ação e da temática a ser trabalhada. Será feita uma leitura de leite de um texto do livro “Caminhando na cultura de São Bento” de forma coletiva, com o objetivo de que as alunas e alunos leiam o texto em voz alta, exercitando a leitura. O tema Identidade cultural norteará todo o trajeto desenvolvido ao longo das oficinas. Depois da leitura do texto, será feito algumas perguntas como: O que entenderam do texto? De qual comunidade estamos falando? Vocês conhecem os pontos históricos citados no texto? Quais personagens culturais? Entre outras, a fim de fazer um levantamento sobre a identidade cultural presente na comunidade de São Bento das Lajes.

No segundo momento, serão distribuídos pela sala de aula alguns exemplares de cordel que servirão como instrumentos para a explicação do gênero textual poema. Serão levantados alguns questionamentos para as crianças como: Vocês costumam ler em casa ou em outro ambiente? Que tipo de leitura vocês realizam? Conhecem algum cordel? Alguém mais velho da sua família costuma narrar algum? Após estes questionamentos e a escuta às crianças, iremos propor a construção de um cordel (poema) coletivo com a turma no papel metro, que terá como temática o bairro de São Bento.

- **Objetivo**

Apresentar a proposta que será trabalhada, tendo em vista estimular a interpretação dos alunos e alunas, criando a noção sobre o gênero literário popular e tratando sobre a identidade da comunidade onde vivem e onde a escola está situada.

## **2º Encontro**

Tema: **“Histórias e memórias: Um dedo de prosa”**

Neste encontro, será sondado das crianças se elas perguntaram aos seus familiares ou alguém próximo se eles conhecem algum cordel (poema) sobre a comunidade de São Bento. Após os relatos orais das crianças, serão registradas as palavras que remetem os pontos históricos, comidas, elementos naturais e personagens culturais citado no texto e pelos relatos das crianças. No segundo momento, ocorrerá à dinâmica do ditado explosivo, o objetivo é que as crianças após saberem um pouco sobre a história de alguns pontos históricos e personagens, as mesmas exercitem a escrita por meio do ditado. Essa atividade funcionará da

seguinte maneira: a sala será dividida em dois grandes grupos, no quadro estarão espalhadas vinte bexigas, dentro de cada uma irá conter uma pegadinha. Dessa maneira, o objetivo desta dinâmica, é que ao explodir as bolas em seguida os alunos e alunas façam a leitura do que tem escrito nos papéis e diga junto ao teu grupo qual era a palavra e qual o ponto histórico, comida, ou personagens culturais que estaria escrito ali.

- **Objetivo**

Apresentar aos alunos e alunas um pouco da história do Caís, Escola Agrícola, Engenho Sergipe do Conde e da Abádia de Brotas antes. Nesse encontro, terá como intensão convidar uma pessoa mais velha da comunidade, também conhecida como uma facilitadora, que possa conduzir as narrativas por meio da contação oral.

### **3º Encontro**

Tema: **“Histórias e memórias: Um lugar onde eu vivo!”**

Nesse dia, os alunos e alunas terão a oportunidade de se deslocarem até um dos pontos históricos da comunidade de São Bento - O Caís. Este se localiza a uns 10 minutos da escola e se encontra nas ruínas da primeira Escola Agrícola da América Latina, assim como as atividades de pescaria fruto da sustentação de muitas famílias naquela comunidade. Em seguida, ao retornar para o ambiente escolar ocorrerá à construção da “Isogravura”. Ou seja, a “Isogravura” é uma técnica de impressões de imagens no isopor, dessa maneira, será explicado às crianças o conceito e o propósito da atividade. Sendo assim, será solicitado que elas desenhem alguma coisa que faz parte da sua comunidade e que se identifiquem. Iremos levar como auxílio, algumas imagens como a do barco, de peixes, do caranguejo que serviram como moldura e materiais como tinta, isopor, lápis e pincéis.

- **Objetivo**

Essa ação terá como intuito que as crianças consigam enxergar aquele espaço histórico como algo significativo em seu local de fala e na sua construção identitária.

### **4º Encontro**

Tema: **“Exposição: Só podia ser de São Bento!”**

Nesse encontro, acontecerá a exibição do filme “Zarafa” que trata da história de uma forte amizade entre um menino, Maki e uma girafa chamada Zarafa. Juntos, eles vivem aventuras de suas vidas, viajando da área do Sudão até as luzes de Paris. A escolha do filme

reforça uma perspectiva intercultural, assim como a representatividade dos personagens que são negros como a maioria das alunas e alunos presente na comunidade, também por ser uma fábula que narra à relação de seres diferentes tendo entre eles respeito e desigualdade, principalmente cenas de personagens brancos e negros. Ao término, em círculo, realizaremos uma roda de conversa com o intuito de levantar o que as crianças entenderam sobre o filme associando a convivência deles próprios na sala. Finalizando a oficina, ocorrerá a exposição das artes produzidas com a técnica no dia anterior para que os educandos apreciem suas produções artísticas e dos (as) seus (as) colegas.

- **Objetivo**

Salientar a importância do conhecimento por trás das memórias do lugar no qual as crianças vivem numa perspectiva intercultural, interdisciplinar, lúdica.

- **Cronograma**

Ações/Etapa	2022	
	Agosto	Setembro
1º Etapa	X	
2º Etapa	X	
	X	
3º Etapa	X	
4º Etapa		X
		X
		X
		X

## 6 RESULTADOS ESPERADOS

No cenário da educação contemporânea, ainda nos deparamos com metodologias que

têm como base uma educação tradicional e não considera ou não colocam em prática ações interdisciplinares e interculturais nas salas de aulas.

No que tange à escola, está iria ganhar bastante, pois, além de trazer os conhecimentos culturais local com isso irá trabalhar na construção da identidade e territorialidade das crianças na comunidade, como também trabalhar com a interdisciplinaridade com três componentes curriculares tão distintos não visão de alguns profissionais da educação.

Imaginamos que a implementação desse projeto possa enfrentar muitos desafios no campo educação, como por exemplo, a questão da interdisciplinaridade, que ainda é muito recente no espaço escolar, e por muitas vezes alguns docentes têm receio para implementação de desse tipo de ferramenta de ensino. O motivo que justifica a não efetividade muitas vezes não se trata do interesse, mas principalmente pela falta do incentivo, ou melhor, a falta de formações continuadas que possibilitariam mostrar caminhos aos educadores de como é possível colocar em prática.

Outro desafio na aplicação desta proposta é o fato da valorização do contexto local como um instrumento enriquecedor na troca de conhecimento durante os conteúdos. Isso porque, instrumentos como o quadro, o piloto, e o livro didáticos ainda são prioridades nesses momentos, mesmo em tempos pandêmicos, em que a falta de aulas criativas desestimulam e afastam os alunos e alunas. Não deixando de salientar, que pensar em uma proposta de intervenção para ser desenvolvido em um cenário pandêmico também é um dos desafios.

Por outro lado, teremos como intuito ir contra essas dificuldades, mostrando que se torna possível conscientizar por meio do desenvolvimento atividades sobre a importância de práticas pedagógicas que envolvam os conteúdos diários das crianças em associação com sua identidade cultural. Dessa maneira, acreditamos que tal prática levará a enxergar que entendimento e o conhecimento da história local quando aplicados de forma significativa na sala de aula tem o poder de proporcionar aos educandos (as) o reconhecimento enquanto agentes participativos e transformadores da sua História local e conseqüentemente gera a valorização e a quebra de estereótipos significativos na construção da sua identidade.

## Referências

ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. As funções da teoria da história na construção do livro didático de História Regional. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O ensino de história: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos**. Editora da PUC Goiás, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 116.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, v.2, 1998.

BONATTO, Andréia; BARROS, Caroline Ramos; GEMELI, Rafael Agnoletto; LOPES, Tatiana Bica; FRISON, Marli Dallagnol. **Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar**. Seminário de pesquisa em Educação da região sul. 2012.

CAMPOS, Maria Malta. Ensino Fundamental e os desafios da Lei n. 11.274/2006. In: MENDONÇA, Rosa Helena; MACIEL, Francisca et al; Mendonça, Sara et al; Patrícia CORSINO, Patrícia. **Anos iniciais do Ensino Fundamental**. Na Secretaria de Educação a Distância. Ed. Salto para o futuro, set.2009. p.10-16.

CÉSAR, Paulo. **INTERDISCIPLINARIDADE explicada por Gaudêncio Frigotto**. Youtube, 07. Out. 2019. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=gFPyge0oWE8&t=139s](http://www.youtube.com/watch?v=gFPyge0oWE8&t=139s).

D' AMBROSIO, U. (1997). **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena.

FLEURI, Reinaldo Matias. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v.20, n.02, p.4115-423, jul./dez. 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnicos-raciais, Educação e Descolonização dos Currículos**. Publicado em: Currículos sem fronteiras, v.12,n.1,pp.98-109,Jan/Abr 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. ed.11.Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Cristiano Gomes. **A importância da História local como ferramenta no ensino da história**. Web Artigos. 2010.

MENDONÇA, Gustavo Proença S. **Desigualdades Raciais no Brasil: os Desafios da “Luta por Reconhecimento” para o Constitucionalismo**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 28 de Mar. 2007.

NASCIMENTO, A. A. **Ubuntu!** Aprendizado de uma visita imaginária Número XX, Ano XX, 2014. ISSN 9999-9999.

PINTO, Naiane Jesus (Org.). II. São Bento conversando com a sua história – São Francisco do Conde, 2021.

SANTOS, Rafaela Bacelar. **“Eu gosto mais dos branquinhos.” Interações e brincadeiras: a construção da identidade étnico-racial de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental.** 2020. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2020.

SILVEIRA, D.T, CÓRDOVA, F.P. **A Pesquisa científica.** In. Geahardt, Tatiana, Silveira, Denise. Método de pesquisa. Cordenado pela Universidade aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2009.

SOUZA, L.A.D; ORTEGA, L.M.R. **O lugar das interações sociais na educação infantil:** contribuições da sociologia da infância e da psicologia histórico-cultural as pesquisas nesse campo. PUC- Minas Gerais, p. 1-14, 2016.